



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JAQUELINE LIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE LEITORES E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA:
CRIAÇÕES, REFLEXÕES E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS.**

BELÉM-PA

2019

JAQUELINE LIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE LEITORES E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA:
CRIAÇÕES, REFLEXÕES E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau
de Licenciada plena em Pedagogia, pela
Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Edna Guedes

BELÉM-PA

2019

JAQUELINE LIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE LEITORES E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA:
CRIAÇÕES, REFLEXÕES E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS.**

BANCA EXAMINADORA

Data-----/-----/-----

CONCEITO- -----

Profª Ms.Edna Leonor Reis Guedes - UFPA - Orientadora

Prof. Mestre: Ailton Lima Miranda - UFPA/EA _Membro

Pof. Douora: Rosely Risuenho Viana - UFPA -Membro

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Eduardo e Gelzilene, ao meu irmão, Artur, e a
minha orientadora Edna Guedes, com amor.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Grande Rei Jesus, que sempre me ajudou, nunca me abandonou e não permitiu que eu desistisse.

Aos meus pais, Eduardo e Gelzilene, pelo apoio, sustento, exemplo, amor, carinho e orações.

Ao meu irmão Artur, pela ajuda, incentivo, amor e orações.

À minha querida orientadora, Prof. MSc. Edna Leonor Reis Guedes, por ter colaborado, ajudado e incentivado a produção e conclusão deste trabalho.

A todos os meus professores que compartilharam seus conhecimentos e assim contribuíram para a minha formação.

A todos os amigos e amigas que ganhei durante o período da graduação, os quais, de alguma forma contribuíram para que eu a concluísse.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), pela estrutura e conhecimentos que possibilitaram a minha formação.

“Quando entre as mãos da criança,

um livro aberto se vê,

e a voz da mestra se escuta,

que diz à criança – lê!

- parece que Deus,

sorrindo,

Por sobre este grupo lindo, mais uma vez reproduz,

no caos de um outro infinito,

aquele fecundo grito de outrora

- Faça-se a luz.”

(Amélia Rodrigues)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em forma de monografia procura explicar a importância que as histórias infantis têm na vida das crianças e as contribuições que elas fornecem às mesmas nos aspectos afetivo, cognitivo e social, ajudando-as a desenvolverem-se, pois, as histórias infantis se constituem como um poderoso instrumento de reflexão e descoberta de lições. Como problema de pesquisa, temos: Por que não devemos perder o hábito de ler ou contar histórias infantis para as nossas crianças? Objetivando analisar a importância das mesmas e também escrever e refletir histórias infantis. Pessoalmente, as histórias infantis servem para resgatar a pequena criança que há em meu interior. Socialmente, elas servem para compreender a vida e até mesmo solucionar problemas. Cientificamente, elas se constituem como um rico conteúdo interdisciplinar, pois falam de cidadania, diversidade, inclusão entre outras coisas necessárias ao convívio social. Como metodologia, utilizamos uma pesquisa bibliográfica onde os principais autores a serem utilizados são Scharf (2000), Bernardino e Souza (2011) e Cademartori (2010). Chegamos a principal conclusão de que contar histórias para crianças não é besteira nem perda de tempo como muitas pessoas costumam pensar. A vida sem histórias é triste, vazia, sem criatividade, sem fantasia, sem magia, sem sonhos, e a falta desses elementos é muito prejudicial a qualquer criança, além de afetar negativamente o seu desenvolvimento e formação.

Palavras-chave: Histórias infantis; contação de história; formação de leitores, desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança.

ABSTRACT

This monographic ends with an attempt to explain the importance of children's stories in the lives of children and the contributions they provide to the children in the affective, cognitive and social aspects, helping them to develop. children's stories constitute a powerful tool for reflection and discovery of lessons. As a research problem, we have: Why should not we lose the habit of reading or telling children stories to our children? Aiming to analyze their importance and also write and reflect children's stories. Personally, children's stories serve to rescue the little child inside me. Socially, they serve to understand life and even solve problems. Scientifically, they constitute a rich interdisciplinary content, because they speak of citizenship, diversity, inclusion among other things necessary for social interaction. As a methodology, we will use a bibliographical research where the main authors to be used are Scharf (2000), Bernardino e Souza (2011) and Cademartori (2010). We came to the main conclusion that telling stories to children is not bullshit or waste of time as many people often think. Life without stories is sad, empty, without creativity, without fantasy, without magic, without dreams, and the lack of these elements is very harmful to any child, in addition to negatively affecting their development and formation.

Keywords: Children's stories; storytelling; reader development, affective, cognitive and social development of the child

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- LITERATURA INFANTIL	11
1.1. O QUE É LITERATURA INFANTIL?	11
1.2 -ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL	13
2-POR QUE A LITERATURA INFANTIL É IMPORTANTE?	15
2.1 -UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL	15
2.2 FORMANDO LEITORES	20
3- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	26
3.1. POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?	26
3.2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	28
4- CRIAÇÃO E REFLEXÕES DE HISTÓRIAS INFANTIS DE MINHA AUTORIA	33
4.1 A BORBOLETA PRETA – REFLEXÃO	33
4.2. A ROSA MARISA – REFLEXÃO	34
4.3. JÚLIA, UMA GAROTA ESPECIAL – REFLEXÃO	36
4.4. O DESEJO DO EDU – REFLEXÃO	37
4.5 A BONECA DE SOFIA – REFLEXÃO	38
4.6. A ESTRELA QUE NÃO BRILHAVA - REFLEXÃO	39
5-UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERENCIAS	45

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A importância das histórias infantis para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança” é produto de uma pesquisa bibliográfica e pretende mostrar por meio de diversos autores principalmente as contribuições que a literatura infantil pode fornecer para estes três aspectos inerentes à criança.

Além disto, mostrará no capítulo primeiro o que é a literatura infantil e o que a caracteriza. No segundo, a importância da literatura infantil para a formação de crianças leitoras e um pouco da história desta literatura. No terceiro, tratará sobre a contação de histórias, ou seja, porque contá-las, quais as contribuições que elas trazem para o desenvolvimento da criança.

Por sempre apreciar e reconhecer a importância que as histórias infantis têm, no capítulo quatro, trago uma realização pessoal: histórias infantis escritas por mim e uma reflexão para cada uma delas também de minha autoria, que servirá para professores que queiram usá-las para refletir com suas crianças sobre diversas temáticas (preconceito, cidadania, inclusão, satisfação pessoal, amizade e cooperação).

O quinto capítulo relata um pouco da minha história que é de uma mulher cheia de sonhos e vitoriosa que conseguiu superar muitas adversidades.

Após o capítulo quatro, conto a breve história da minha vida e após isto apresentamos as considerações finais, onde mostraremos, de forma enfática, que as histórias infantis têm muito a contribuir para a formação e desenvolvimento da criança, formando-a como leitora, fornecendo conhecimentos que desenvolvam seu pensar, envolvendo-a culturalmente, historicamente e socialmente, mostrando para ela seu lugar no mundo e que a mesma desde a mais tenra idade possui uma função social; preparando-a para ser uma cidadã plena de seus direitos e deveres e apta a viver tolerantemente e harmoniosamente em sociedade.

No decorrer deste artigo mostraremos os benefícios que a literatura infantil proporciona às crianças de todas as idades (imaginação, criatividade, magia, sonhos, prazer e solidariedade), os quais tornarão as mesmas mais humanas.

Esperamos que este trabalho contribua para a academia e demais instituições de ensino, e que outras pessoas possam se aprofundar neste tema que consideramos de extrema importância para a formação intelectual, afetiva e social da criança quanto motivadora e promotora da leitura e literatura infantil.

1- LITERATURA INFANTIL

Neste capítulo, como o próprio nome já menciona, explicaremos o que é literatura infantil e o que a caracteriza, ou seja, o que pode ser considerado história infantil. Mostraremos como a mesma contribui para aguçar a imaginação, a criatividade e o prazer pela leitura, além de enriquecer o ensino-aprendizagem e oferecer conhecimento e cultura a criança. Também falaremos que a escola e o professor são figuras indispensáveis para mediar a leitura e ensinar para a mesma o quão importante é ter o hábito de ler e quais os benefícios que isso pode trazer para a existência dela, ou seja, mergulhá-la no mundo mágico e maravilhoso dos livros, auxiliando-a a fazer descobertas a respeito da vida, o que são valores, o que é ética, por exemplo, além de formá-la como pessoa ajudando-a a conhecer a si mesma.

1.1. O QUE É LITERATURA INFANTIL?

De acordo com a autora Paço (2009, p. 10): a literatura infantil objetiva formar leitores e escritores competentes, capazes de compreenderem o que leem e transmitir a outros tudo o que compõe uma história, de forma prazerosa, que saiba ler até o que não está escrito, atribuindo diversos significados a um mesmo texto, usando a imaginação e a criatividade.

Para a mesma autora, a literatura auxilia no desenvolvimento da imaginação, emoções e sentimentos de modo significativo e prazeroso. Por meio das histórias infantis as crianças enriquecem-se culturalmente, pois as mesmas aprendem nomes, sons, músicas e etc.

Ao contar uma história é necessário envolver a criança para que a mesma se interesse em ouvir do começo ao final, pois ela fará importantes descobertas que estão presentes no decorrer de toda a leitura.

Mas, o que é a literatura infantil? Primeiramente, os conceitos de criança e infância variam de acordo com os tempos, as culturas e as sociedades. Apesar disto, vários teóricos como Peter Hunt (2010) definem a literatura infantil partindo do ponto em que a mesma é destinada a leitores que estão em processo de formação e de poucas vivências em relação à idade. Por isso segundo Cademartori (2010) o texto a ser lido, precisa estar em conformidade com a competência linguística e com as experiências de vida da criança, ou seja, precisa conter poucas páginas, letras grandes, espaçamento ideal, ilustrações,

além de prever a faixa etária do possível leitor, atendendo aos seus interesses e respeitando as suas possibilidades.

Para Cademartori (2010): o professor é uma figura decisiva para mediar a conexão entre a criança e a literatura infantil, pois na maioria das vezes é ele quem escolhe o livro, faz a leitura, conversa sobre a história na sala de aula e ensina a criança a manusear o livro e assim fazer suas próprias descobertas, mergulhando no mesmo e encontrando um mundo de fantasias e maravilhas.

É comum ouvirmos professores falando que os alunos não se interessam por leitura. Isso acontece porque os alunos têm inúmeras outras atividades que preferem como assistir televisão, escutar música, jogar futebol ou videogame, esquecendo-se dos livros ou os deixando para quando não têm nenhuma outra atividade.

No entanto, a literatura infantil não pode ficar relegada a segundo plano, pelo contrário, a mesma deve ocupar um espaço primordial na vida das crianças. Pois, para Cademartori (2010): “A criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesia, geralmente escreve melhor, e dispõe de um repertório mais amplo de informações sim.”

A literatura infantil é um campo privilegiado por meio do qual podemos, de forma lúdica, maravilhosa e mágica, apresentar as nossas crianças diversos conceitos como o respeito a diversidade, ou seja, valorizar e dar a devida importância a temáticas como: inclusão, respeito, a importância da amizade, lutar pelos seus sonhos, cidadania (o que veremos no quarto capítulo deste trabalho, com as criações e reflexões de histórias de minha autoria. Também será mostrado neste mesmo capítulo que as histórias infantis e suas reflexões servem também para o público adulto.)

Para Zilberman (2006): A literatura infantil e a escola estão intrinsecamente relacionadas pois, as duas carregam em si uma função em comum: a função de formar o indivíduo, ou seja, elas ajudam a criança no seu processo de desenvolvimento, além disso, mesmo que sejam ficcionais, as mesmas retratam a realidade das crianças e permitem que as mesmas associem as histórias ao seu cotidiano:

Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2006)

Uma excelente obra literária é aquela que além de formar o pequeno leitor, faz com que o mesmo possa dar a sua própria interpretação àquilo que está lendo, fazendo-o alcançar a sua emancipação, ensinando-o a pensar e posicionar-se em relação a leitura, a vida e ao mundo, ou seja, levando este mesmo indivíduo (que é a criança, ou até mesmo o adulto) a se conhecer melhor e conhecer melhor o mundo em que vive.

1.2 -ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL

O universo literário para crianças caracteriza-se por: narrativa movimentada, cheia de imprevistos; discurso direto; livros com muitas ilustrações; e finais felizes na maioria das vezes.

Na década de 70 surge a “Literatura Realista para Crianças” com a finalidade de mostrar a realidade da vida para as crianças, tratando de temas como (morte, divórcio, sexo e problemas sociais) considerados inadequados até o momento. Entretanto, sabemos que podemos situar as crianças na realidade de outro modo, utilizando-se do universo próprio das mesmas que é recheado de magia, transmitindo os mesmos temas sem chocá-las sobremaneira. Também é importante proporcionar a elas diferentes tipos de literatura e deixar com que escolham aquela que for do seu agrado.

Ainda caracterizando a Literatura Infantil podemos afirmar que:

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: a narrativa para a escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. (HUNT, 2010)

O autor citado acima fala que os livros infantis são escritos por adultos, logo, são escritos com função moralista e formativa, ou seja, lições que levem a criança a fazer um juízo ou emitir opiniões acerca das histórias relacionando-as às suas vivências e a realidade de que faz parte. A criança tem menos capacidade de compreensão e conhecimento limitado por conta de sua pouca idade, por isso, têm dificuldade em diferenciar fato e fantasia, o que se deseja e o que é realidade palpável. Não é comum a vermos atribuindo características humanas a seres ou objetos inanimados?

Apesar de ser feita para crianças, a literatura infantil não deve ser simplória, fácil, mastigada, porque se isso acontecer configura-se como um desrespeito à inteligência do público infantil. Mesmo possuindo suas especificidades e adaptada para o público infantil a mesma não pode ser muito simples nem repetitiva.

Reforçando as características das histórias infantis, temos que, de acordo com Azevedo (2000): a literatura infantil é rica de temas a serem debatidos, subjetividade, ficção livre, discutir valores que a sociedade estabelece, discutir ética, apresentação do homem como algo ilógico e imprevisível, ou seja, paradoxal, incompreendido e incoerente, que se modifica e ressignifica, procurando conhecer a si próprio, encontrando um sentido para sua vida, ao mergulhar nesta literatura tão importante.

2-POR QUE A LITERATURA INFANTIL É IMPORTANTE?

Neste capítulo mostraremos o quanto a literatura infantil é importante, pois a mesma contribui para formar a criança, além de proporcionar a mesma experiências indispensáveis para que ela saiba se expressar e posicionar-se em relação ao mundo, a vida, e mais, tornar-se um indivíduo humanizado, já que é no decorrer da vida que aprendemos a ser humanos dotados de consciência crítica e absorver valores, crenças, ideologias, etc. em conformidade com a sociedade em que estamos inseridos. Também falaremos da História da literatura infantil, ou seja, como teve início esta literatura, se ela foi a mesma para as diferentes classes sociais, quais os primeiros autores e suas obras, como ela se deu no Brasil.

Para este capítulo também criamos um subtópico que tem como título “Formando Leitores”, com o objetivo de enfatizar que as histórias infantis contribuem para que as crianças desenvolvam o prazer pela leitura e que o ato de contar estas histórias introduzem as crianças no mundo da escrita e da leitura, ou seja, inserindo-as no mundo das palavras, enriquecendo seu vocabulário, aguçando sua capacidade de criar, imaginar e até mesmo preparando-a para resolver melhor seus problemas, porque a leitura amadurece e auxilia a enfrentar os diversos acontecimentos aos quais a criança será exposta no decorrer da sua vida pessoal, social e também educacional. Precisamos conhecer um pouco mais da história da Literatura Infantil.

2.1 -UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil é uma arte abrangente, fenômeno de expressão que representa o Mundo, o Homem, a Vida. É uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, expressa a experiência do autor, de outro, provoca uma experiência no leitor. Ela enriquece a imaginação e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. As lendas e tradições folclóricas de todos os povos transmitidas oralmente, de geração em geração, são a principal fonte inspiradora da literatura infantil. Uma literatura contemporânea, por sua vez, vai além do prazer, da emoção: ela visa alertar, transformar a consciência crítica do leitor e interlocutor. A criança, através dela, associa e harmoniza a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas (SCHARF, 2000)

Primordialmente e até hoje a função da literatura é trabalhar a mente humana, pois é aí onde se encontram os mais variados sentimentos. Ao encontrar-se com a literatura a pessoa humana poderá engrandecer, modificar ou tornar muito mais rico tudo o que já viveu ou viverá.

A literatura está ligada a cada momento em que a humanidade foi evoluindo. Ela representou e representa para as crianças os comportamentos, as crenças, os valores, a ideologia em que a sociedade apoiou-se. Por isso, para que tenhamos clareza do elo criança e literatura precisamos entender e estudar de que maneira a criança era vista em cada época pelos adultos e pela escola. É importantíssimo acentuar que, a princípio, a literatura infantil não era direcionada às crianças, porém aos adultos.

De acordo com a concepção histórico-cultural de aprendizagem, cujo mentor é Vygotsky, a literatura deve ir além do universo da bibliografia que se utiliza como trabalho em sala de aula, ir na prática construindo a compreensão pedagógica, ou seja, investigando como ela se dá historicamente como forma de expressão e que lugar ocupa no mundo de hoje e no dia-a-dia de nossos alunos e das comunidades. (SCHARF, 2000)

Fatidicamente a literatura não se resume aos livros, outras formas como o cinema, a TV, a música, o teatro estão presentes em nossas vidas colaborando com a arte, a imaginação, a fantasia e o sonho extremamente necessários à vida humana:

Percebe-se, desta forma, o quanto a literatura está derramada em nossas vidas: só não se envolve aquele que desconhece ou aquele a quem não foi possibilitado um convívio mais estreito com seus gêneros durante a infância ou a vida adulta. (SCHARF 2000)

Sabemos que da sociedade antiga até a Idade Média a criança era vista como um adulto em miniatura, não existia uma separação entre o mundo da mesma e o do adulto. Era comum que elas presenciassem nascimentos, doenças, morte. E mais, eram envolvidas na vida pública, nas festas, nas guerras e outros. Falando da aprendizagem, dividiam o mesmo espaço com os adultos. Pior ainda, era tratada de forma hostil, sem afeto.

Uma inovação na mentalidade ocorre no final da Idade Média quando a história, a política e a cultura sofrem uma transformação muito importante: o território social deixa de ser dirigido pelas comunidades e o Estado e sua justiça começam a intervir, aumenta a alfabetização e propagação da leitura, e ainda, surgem novas religiões.

Entre 1660 e 1880 aparece um novo modelo de família: a mãe que nas idades antiga e Média era ausente nos primeiros anos de vida da criança passa a ser um elemento central para a vida das mesmas:

O século XVII é uma época de grande influência e estímulo dos protestantes, com uma organização fortemente patriarcal. Os pastores viam as crianças como um indivíduo que somente podia ser domado pela educação religiosa rígida. Já se verifica um interesse especial pela criança, provocando a edição

dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses. Os manuscritos lidos para as crianças – tais como as vidas de santos – eram voltados à formação religiosa. (SCHARF, 2000)

Professores e pedagogos construíram o elo entre a escola e a literatura infantil, pois foram os pioneiros em escrever os livros infantis voltados para a criança. Estes livros tinham como principal objetivo educar as mesmas. Isto se deu ao final do século XVII e por todo o século XVIII.

Charles Perrault, inicia os contos de fadas na França, imprimindo nos mesmos as ideias, valores e o comportamento dos burgueses.

Mudanças muito marcantes acontecem no século XVIII em relação a sociedade: o homem é retirado das ruas e praças e é restringido ao convívio familiar. Desta forma, houve uma ênfase em relação à família e seus afetos e assim ocorre também uma importantíssima conquista para a criança: separa-se a infância da idade adulta.

Com o passar dos anos, a educação deixa de ser informal (as crianças aprendiam com as experiências dos mais velhos transmitidas também por eles) e passa a ser institucional. Com isto, aparece uma inovação no consumo (dicionários de higiene para a família, brinquedos e uma literatura realmente infantil)..

Durante o século XVIII, a hierarquia e o poder patriarcal abrem espaço para uma maior liberdade para as crianças e as mulheres por meio do liberalismo e por um crescente calor afetivo. As histórias então passam a ser merecida e verdadeiramente valorizadas:

As famílias passam a se reunir nos serões ao “pé do fogo”, principalmente no período dos rigorosos invernos europeus. Enquanto isso as narrativas antigas continuavam a se espalhar pela Europa. Adultos e crianças participavam juntos de reuniões escutando as mesmas narrativas. Havia sempre alguém encarregado de contar ou ler histórias com um bom repertório e um público que ficava fascinado em ouvi-las. Esses momentos coletivos com predomínio da literatura oral também aconteciam nas classes privilegiadas. Enfim, a criança da classe nobre lia trechos dos clássicos, as crianças do povo ouvia as histórias de cavalaria, as lendas e toda literatura oral que circulava no meio adulto. Tudo acontecia ao redor das fogueiras, nas tavernas e em outros lugares. (SCHARF, 2000).

Nesse mesmo período algumas pessoas começam a se preocupar com o fato de se construir uma escola que alcance a todos, com o auxílio da pedagogia da época surge também um interesse para que a alfabetização seja obrigatória. Com isto, alguns livros de adultos são adaptados ao entendimento e gosto da criança.

Com o advento da Revolução Industrial a sociedade é modificada e a infância recebe olhares mais cuidadosos. A criança deixa de ser vista como um ser igual ao adulto, pois possui necessidades e características diferentes dos mesmos.

O Ocidente e a Europa a partir do século XVIII estão em um processo de evolução econômica, política e cultural.

No âmbito cultural, a escola além de ocupar a criança preocupava-se em instruí-la para o futuro. Para isto torna-se a mediadora entre a criança e a cultura. E o elo que usa para cumprir este papel é justamente a leitura:

A leitura passou a ser uma preocupação em função de outras modalidades que se realizam; foi a leitura através da escola que abriu aos jovens a porta para o universo do conhecimento. Leitura significou um estímulo à tipografia que, neste período, vinha se desenvolvendo bastante e criando novas formas de impressão: o livro, o jornal, os folhetins. No ocidente, desde a antiguidade, já se percebia a tradição pelo livro como objeto privilegiado dos produtos intelectuais. Com o domínio generalizado da habilidade de ler, consequência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, mas irreversível, democratização do saber. Por outro lado aparecem as primeiras expressões da cultura massificada, devido à explosão de uma literatura popular, cuja transmissão se fizera, até aquele momento, por intermédio das formas orais, acompanhadas pela música. (SCHARF,2000)

Neste momento também ocorre uma expansão do público literário, e, os pedagogos preveniam a leitura em excesso, pois, a julgavam prejudicial, até porque a leitura dessa época era carregada de pragmatismo e objetividade além de informativa e evangélica, relacionada a ensinar ou refletir sobre algo, ou seja, não contribuía e não abriam espaço para a imaginação e fantasia.

Apesar de influenciar grandiosamente a literatura infantil do século XIX, no Reino Unido, França e Alemanha, com o pensamento de que a criança cresce de forma espontânea e normal, desde que haja um espaço natural com adequações, Rousseau não foi compreendido assertivamente pelos escritores e educadores deste período e o resultado disto foi: livros infantis impregnadamente moralizantes e abarrotados de informações escolares.

Nesse mesmo século, a criança burguesa integra-se a família, e a mulher organiza fortemente a esfera doméstica. Dá-se também no início desse mesmo século um marco profundo na história da literatura infantil por meio de duas grandes obras: *Histórias para as Crianças e a Família, em 1812-1815*, são os Contos de Jacob e Wilhelm Grimm, produto de uma pesquisa feita pelos mesmos. Eram compostos de 200 histórias populares

imortalizadas no mundo inteiro. Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Os Músicos de Bremen, só para citar algumas, também originaram adaptações; e a outra, foi uma coleção de contos de fada que teve um sucesso grandioso e instantâneo, do dinamarquês Hans Christian Andersen (1835). Por exemplo, O Patinho Feio e o Soldadinho de Chumbo nos mostram uma especial criatividade onde objetos e bichos são humanizados. Esta propagação dos contos de fada foi muito bem abraçada e com isto houve duas conquistas bastante relevantes para a evolução da literatura infantil. Primeiro, surge o predomínio da ludicidade sobre o caráter instrutivo; segundo, finalmente é definido um gênero voltado para as especificidades da criança.

As obras de Hans Christian Andersen, dos Irmãos Grimm e as de Charles Perrault foram bem recebidas pelas crianças. Os autores irmãos Grimm e Andersen textualizaram contos de fadas de origem literária e alicerçada nos contos orais e populares e que chegaram aos nossos dias nos presenteando de forma muito prazerosa com seu faz de conta, peripécias, medos, expectativas, um sonho de histórias e poesias.

Todavia, a criança proletária continuava subjugada, muitas vezes era abandonada mesmo possuindo pouca idade, tinha que trabalhar cedo, era violentada e faziam pouco caso da mesma. A classe burguesa gozava de privilégios que não existiam na classe operária. Havia uma particularidade familiar na primeira que não nesta última, em consequência disto a socialização das crianças ficou prejudicada. Para solucionar este problema atribuiu-se à escola um especial sentido, pois a mesma era responsável pelo elo criança-mundo. A escola mostrou respostas individuais nas diversas camadas e no plano educacional refletiu à conduta social comunitariamente.

Na Europa dá-se início ao ensino com obrigatoriedade e gratuidade. A escola passa a retirar as crianças do trabalho e principalmente as operárias retornam para a mesma. São criadas condições para formar tanto a criança abastada quanto a pobre, surge então oportunidades de acesso à “literatura”. No século XIX tem origem uma literatura bastante moralizante, informativa e infantil, com o intuito de ajudar a criança a moldar-se velozmente para a fase adulta.

Entre os escritores que se preocupavam em fazer literatura infantil destacam-se: Charles Perrault, (Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, etc.). Os irmãos Grimm, (A Gata Borralheira, Branca de Neve, etc.) Hans C. Andersen (O Patinho Feio). Charles

Dickens (Oliver Twist, David Copperfield). La Fontaine que coletou fábulas como “O Lobo e o Cordeiro”. Esopo (A lebre e a tartaruga, O leão apaixonado etc.)

No Brasil os pioneiros da literatura infantil foram Carlos Jansen, (Contos seletos das mil e uma noites) Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha), Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. No entanto o mais destacado é José Bento Monteiro Lobato, nascido em 1882 em São Paulo. Escreveu contos, ensaios, romances e é claro, livros infantis. Entre suas publicações estão: “Ideias do Jeca Tatu”, “Reinações de Narizinho”, “Sítio do Pica-pau Amarelo”, etc. Além dele, Ziraldo (O menino Maluquinho, A bonequinha de pano, Este mundo é uma bola, Uma professora muito maluquinha) e Ana Maria Machado (A grande Aventura de Maria Fumaça, A Velhinha Maluquete, O Natal de Manuel, etc.) escrevem para o público infantil.

Mesmo com todas estas conquistas, muitas vezes a literatura infantil é vista de modo preconceituoso. Existem até escritores que negam que suas obras são feitas para as crianças, como se a literatura infantil não fosse importantíssima, pois dependendo de como foi elaborada refletirá de forma grandiosa na vida dos pequenos.

Também devemos considerar que há obras destinadas aos adultos que as crianças apreciam, por exemplo, As aventuras de Robson Crusóe de Daniel Defoe e vice-versa (Sítio do Pica-Pau Amarelo).

É contraditório, porém, bastante ocorrente que profissionais da educação e a família almejam desenvolver em suas crianças a leitura como um hábito, porque os mesmos por não possuírem este hábito e ainda tentarem justificá-lo com a falta de tempo e o cansaço estão contribuindo para tirar da criança o interesse pelos encantadores, mágicos e misteriosos livros.

2.2 FORMANDO LEITORES

Quando exercitamos a leitura como um hábito e assim ensinamos as nossas crianças, enriquecemos não somente o vocabulário, mas também o repertório de emoções que estão inseridas nos personagens das histórias.

Ao esforçar-se para ler a criança desenvolverá habilidades intelectuais, se tornará mais atenciosa, criativa e imaginativa. Os livros ajudam as crianças a identificarem-se com o mundo da fantasia e descobrirem dentro de si, monstros, bruxas, princesas, fadas que habitam no ser humano, seja este criança ou adulto.

As crianças inspiram-se nos personagens das histórias que leem, sua coragem ou medo, sua força ou fraqueza, sua esperteza ou ingenuidade. “O ritual das leituras diárias aumenta a habilidade da criança de exprimir-se sobre tudo o que a acomete, seja um pai estressado ou um canto assustador da cidade”. (BLAISE, 2013. p.12)

A leitura para muitas crianças é um lugar de refúgio para o qual podem escapar quando se sentem pressionadas pela dura realidade que as cerca. Serve para tornar livres crianças que estão escravizadas em um contexto de sofrimento, miséria, decepções. Livros são amigos! São úteis e necessários á existência humana! Dilatam o nosso universo:

Com a leitura pode-se ir às épocas nas quais não se pode mais viver. Com a leitura pode-se ir a lugares distantes e inatingíveis. Com a leitura entra-se em contato com pessoas que nunca serão conhecidas pessoalmente. E isso desde a mais tenra infância. (TAILLE, 2013, p.14)

É extremamente importante e necessário que adultos leiam para e com as crianças, mesmo que estas ainda não saibam ler no sentido de serem alfabetizadas. Professores, pais, avós, tios, irmãos até mesmo um vizinho que ofereça um pouco do seu tempo para dedicar a leitura estarão fornecendo a criança um mundo de possibilidades e amadurecimento intelectuais que produzirão sentimentos e atitudes positivas além de as ajudarem a encarar o mundo com mais facilidade.

A leitura desse modo servirá como ponte para a manifestação da subjetividade, intimidade, afeto e interação entre aquele que lê e aquele que ouve.

O adulto ou até mesmo uma criança que leia para outra criança deve proporcionar a mesma um ambiente desejável e agradável, fazendo das letras algo atraente, necessário e irresistível aos olhos da mesma, para que ela mergulhe sem medo em um mundo de descobertas e desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Quando lemos para uma criança, despertamos na mesma o prazer de dividir e recontar a história para outros, e isso, poderá ocorrer em momentos com a família, com os colegas, com os professores, com os vizinhos, ou seja com todos que fazem parte do seu universo.

A leitura de histórias infantis é utilíssima para criar um mundo de particularidades, valorização da individualidade, proximidade, afetividade além de tornar a criança mais preparada para interagir com os acontecimentos a sua volta.

A criança identifica-se com aquele que ler para ela, seja o seu pai, mãe, avós, tios, professores, outra criança e isso auxilia no desenvolvimento emocional da mesma.

Também conhece um leque de identidades dos personagens e pode dessa forma ampliar o seu repertório no que diz respeito a diferentes personalidades que encontrará no curso de sua vida, podendo assim desenvolver uma boa convivência social além de saber posicionar-se em questões sociais e ter ciência de seu papel na sociedade.

É importantíssimo proporcionar as nossas crianças contato com o livro! Dar para imaginar uma infância sem livros? Com certeza seria uma infância triste, sem cores, sabores, perspectiva, infértil. Então, não! Não podemos permitir que as nossas crianças seja furtada esta necessidade básica e vital. Precisamos sim cultivar desde o ventre a leitura na vida, pois a leitura é a própria vida!

Em referência a linguagem a leitura ao enriquecer o repertório vocabular, mostra para as crianças, por exemplo, que uma palavra tem mais de um sentido, e ao ler, a criança aprende a encaixar a palavra em seu lugar, usando da forma correta, além de que quando ela visualiza a palavra no livro ela aprende a grafia correta.

Devemos colocar as crianças em constante contato com canções, adivinhas, parlendas, brincadeiras com as palavras, ou seja, oferecer-lhes uma bagagem cultural que auxiliará quando as mesmas necessitarem utilizá-las.

“A linguagem humaniza. Pela linguagem podemos acessar a cultura, interagir com os outros, comunicar, educar e criar. Mas essa ferramenta poderosa é também delicada. A linguagem não é transparente, não é exata: ela se renova conforme a usamos, provocando sentidos diferentes. Apropriar-se da linguagem implica considerá-la em sua delicadeza, percebendo usos e combinações entre as palavras.”(PASTORELLO, 2013, p. 20)

A literatura infantil é indispensável no processo de letramento além de servir como uma ferramenta de informação, comunicação e formação de leitores críticos que resignifiquem o que estão lendo fazendo uma leitura crítica e descobrindo o que está subentendido, ou seja, não aceitando tudo como pronto e acabado e por fim mergulhando em um mundo de vastas interpretações que podem sair de um mesmo texto. Portanto o correto é oferecer as crianças textos literários, colocando ao alcance das mesmas, materiais qualificados, discutir e fazer brincadeiras com os textos, trazendo a literatura para o cotidiano da escola, das famílias, associações comunitárias, creches e outros.

Os textos literários contêm em si um poder maravilhoso de serem companheiros que nos alegram, trabalham o emocional e nos leva ao encontro de nossas próprias histórias de vida.

Segundo Pastorello (2013): “ A literatura areja as palavras, faz animar a língua, criando novos sentidos. Com o sopro literário as palavras vão a outros lugares e cada leitor fica um pouco diferente, um pouco mais esperto, um pouquinho mais gente.”

No momento em que uma criança escuta uma história enriquece sua existência, recebe novos sentidos, pois, se depara com aventuras, diversos mundos e variadas vivências, e, aprendendo palavras, desenvolvendo assim a fala e a escrita.

Mas os prazeres da leitura e da compreensão, a viagem que é conhecer, são também uma forma de escrever, aberta a todos, descortinando o que as línguas podem proporcionar para quem souber tratá-las com habilidade. Vale a pena começar desde o primeiro choro, quando as mães acalentam as crianças e lhes cantam baladas. (MINDLIN, 2013, p. 23)

As histórias infantis que nos contam nos encantam, nos formam e nos transformam. A criança guarda em sua memória cada aventura, cada magia, cada descoberta, cada lição, cada figura e isso a auxiliará em suas vivências afetivas, amorosas e fortalecerá seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Logo, a criança adentra em um mundo de deslumbramentos e é capaz de compartilhar as maravilhas das palavras que nos mostram um universo sem limites e nos direciona ao infinito, marcando profundamente as vidas de quem conta e quem ler a história.

Elas nos fazem ir além do que somos, viver outras vidas possíveis, sempre com a certeza de depois podermos voltar ao próprio ninho. No processo, vamos entendendo que fazemos parte de uma grande família, que inclui gente que nem conhecemos, mas que celebra em conjunto a festa da palavra. capaz de criar beleza e sentido com os sons que saem da boca humana mas podem ficar guardados em livros, passados adiante para cada um de nós. (MACHADO, 2013, p. 25)

Os livros são essenciais e importantes desde que a criança é apenas um bebê. Embora muitas pessoas pensem que ler para um bebê é perda de tempo porque ele não irá entender é um equívoco enorme. Os livros são indispensáveis mediadores nos momentos de troca de afeto com os bebês.

De acordo com Serra (2013): “Quanto mais frequente for a proximidade do adulto com o bebê, proporcionando-lhe carinho e amor, mais aumentarão as chances para a sua segurança emocional e a disponibilidade positiva de se relacionar com o mundo.”

No desenvolvimento humano e no desenvolvimento da escrita, os livros partilhados com os bebês são grandes aliados, são a esperança de transformarmos nossa espécie em seres mais resolvidos, de bem consigo mesmo e com as outras pessoas capazes

de administrar os problemas da vida, pensar positivamente, pois todas as histórias têm algo a nos ensinar. Basta sabermos extrair!

Partilhar a leitura de livros de qualidade, com imagens grandes, que podem ser fotos ou ilustrações de pessoas, bichos, objetos e coisas que fazem parte do entorno diário, em cores ou preto e branco, é diversão certa para o bebê – e também para o adulto que, valorizando o momento e deixando-se levar pelas manifestações do bebê, recebe em troca a beleza da vida desabrochando e vibrando ao seu lado. (SERRA, 2013, p.27)

Uma educação excelente não pode de forma alguma dispensar a literatura, pois, a leitura é algo inquestionavelmente importante. Não pode haver educação sem leitura:

Já faz alguns anos que propomos e implementamos iniciativas para reforçar e facilitar a leitura por toda parte, a leitura compartilhada, o acesso à leitura, a leitura em voz alta, a leitura com prazer, a leitura como direito, a escrita para virar leitura. (FONTELLES, 2013, p.7)

Quando lemos para uma criança envolvemo-las em um mundo de magia e descobertas e algumas vezes nos deparamos com as mesmas recontando e/ou repetindo frases dessas histórias, e mais, fazendo relações do mundo fictício com o mundo real e é dessa forma que elas desabrocham para a vida e constituem suas memórias:

Tudo pode começar com uma voz querida que chega à orelha não com instruções nem com explicações, mas com cigarras que dialogam com formigas, bolsas amarelas que guardam coisas estranhas, meninos maluquinhos, meninas de nariz arrebitado que se casam com peixes, casas sem muros com segredos amarelos, coisas de arrepiar, panos vermelhos e balões que dão a volta ao mundo. Até que aprenda a ler por si mesma, é pela voz de alguém que lê em voz alta que a criança vai usufruir do tesouro que lhe cabe por direito. (FERREIRA, 2013, p.10)

A literatura ensina a criança a viver em sociedade, pois a mesma lhe oferece um arcabouço de pensamentos, sentimentos, imagens, virtudes, aventuras que são necessários ao convívio social. Ela também leva a criança a entender-se e entender os outros:

Cada página literária é um tributo à inteligência, à sensibilidade e à capacidade que as pessoas têm de entender a si e aos outros e de compartilhar. Quem lê/escuta um texto também lê/escuta a si mesmo, porque tem a oportunidade de descobrir-se e reconhecer-se nessa experiência que funde afeto, emoção, imaginação, memória, criatividade, lógica, razão e crítica. (FERREIRA, 2013, p.10-11)

Além do mais pesquisas de Krashen (1993) e Cunningham-Stanovich (1991) comprovam que a leitura livre fora do ambiente escolar contribui para o melhor desempenho das crianças em todas as disciplinas, enriquece o vocabulário e o nível de compreensão de textos, tornando-a mais fluente verbalmente, além de desenvolver raciocínio crítico e retenção de mais conteúdos, ou seja, têm muitas vantagens significativas em relação aos que não têm este hábito:

Cada página literária pega o leitor pela mão e o leva a passear, sem nada impor, pelo campo florido das questões fundamentais da humanidade – até mesmo dos erros, a coisa mais verdadeiramente humana dos humanos. A literatura enriquece pontos de vista; instiga a ouvir, a levar em conta e a dar valor à voz do outro; desperta a vontade de ultrapassar o próprio “mundinho” e alimentar-se de outras luzes. (FERREIRA, 2013, p.11)

Diante da importância sobre as leituras infantis, apresentamos no capítulo a seguir, o porquê da contação de histórias?

3- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Neste capítulo mostraremos o porquê de contar histórias e quais os benefícios que as mesmas podem dar ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança auxiliando-a a formar sua própria identidade e possibilitando a ela descobrir o mundo e saber que o mesmo é formado por pessoas de diferentes culturas, personalidades, pensamentos, sentimentos e etc. assim como os personagens que ela encontrará nos livros. E mais, as histórias infantis contribuem para tornar a busca do conhecimento algo prazeroso, levando as crianças a desenvolverem a capacidade de pensar, questionar, duvidar, refletir e criticar, além de sentirem mais vontade de estar na escola e relacionar-se harmonicamente com seus colegas e professores.

3.1. POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?

Devemos contar história para as nossas crianças porque as mesmas desenvolvem a imaginação, incentivam a leitura, ampliam o repertório cultural e contribuem para desenvolvê-las cognitivamente.

Para Mainardes (2004), de um ambiente aconchegante para contarmos histórias, pois isso favorecerá o alargamento da imaginação da criança. As histórias infantis muitas vezes falam de fatos de comunidades, povos, tribos e isso ajudará a criança a construir-se socialmente e culturalmente e contribuirá para a formação de sua identidade.

De acordo com Mainardes (apud ABRAMOVICH, 2003), o significado de escutar histórias é muito amplo, é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através das vivências dos personagens. É ouvindo histórias que se podem sentir emoções importantes com o significado e verdade que estas fazem brotar. Ouvir histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança, é poder pensar, duvidar, perguntar e questionar. É sentir-se inquieto, querendo saber mais e melhor sobre o que está sendo narrado.

Infelizmente, nos dias atuais, as histórias infantis já não são tão lidas ou contadas para as crianças, pois as pessoas estão muito envolvidas pelas tecnologias e ocupadas com tantas coisas que não param para momentos em família em que possam contar ou ler histórias para os seus pequenos. No entanto, nós como futuros educadores temos a responsabilidade de valorizar este hábito dentro das salas de aula e não o deixar

desaparecer, visto que sabemos dos inúmeros benefícios que as histórias trazem para as crianças.

Segundo Mainardes: está comprovado que o ato de ouvir histórias na infância nos dará futuramente um adulto cheio de criatividade, mais flexível e o preparará para resolver melhor seus problemas emocionais compreendendo e se adaptando melhor ao mundo.

As histórias infantis oportunizam aos professores trabalhar diversas temáticas de uma forma lúdica e criativa levando a criança a interessar-se mais na busca do conhecimento:

Oportunizamos para as crianças histórias que abordaram o preconceito, os valores os sentimentos a individualidade, a fé a negligência e por fim a alimentação. Dentro dessas abordagens conseguimos trabalhar a escrita, a interpretação a criatividade, entre outros aspectos fundamentais que o processo de alfabetização contempla. (FERREIRA; PRETTO, 2016, p. 4)

Ao envolvermos nossas crianças com histórias infantis estamos proporcionando às mesmas o letramento e a alfabetização. É o primeiro passo que introduz os pequenos no mundo da leitura e escrita.

De acordo com Abramovich (1993 apud, FERREIRA; PRETTO, 2016, p. 5): "[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...]".

Sabemos que a leitura ou contação de histórias infantis estimulam o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Para Pinto, o cognitivo e o afetivo estão interligados e isto ajuda a criança a trazer as histórias para sua realidade envolvendo uma gama de emoções, sentimentos e intelectualidade:

[...] acredita-se que as duas estruturas (afetividade e cognição) funcionem psicologicamente de maneira dinâmica e construtiva, como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis mais afetivo ou mais cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis. (PINTO, 2004, p. 109)

Ao ouvir histórias infantis, na maioria das vezes ocorre que a criança se coloca no lugar do personagem com o objetivo de solucionar seus problemas emocionais. Elas embarcam no mundo da fantasia onde na maioria das vezes tudo acaba bem. Seus problemas pessoais desaparecem enquanto a mesma está envolvida em um mundo de

encanto e magia, logo, a escola e o conhecimento passam a ser prazerosos e também se tornam prazerosas as relações com os seus colegas e com o professor. É uma atmosfera de amor e alegria que passa a contagiar a vida! Isso vem corroborar com o efetivo desenvolvimento infantil.

3.2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

Apesar de algumas escolas ainda utilizarem as histórias infantis como um instrumento de entretenimento, distração e relaxamento para as crianças, o que não é errado, sabemos que a literatura infantil tem muito mais que isso a oferecer, pois quando uma criança ouve uma história, a mesma já está exercendo uma prática de leitura e escrita, além do mais, elas contribuem para que as crianças se desenvolvam em diversos aspectos e desenvolvam algo que é humanamente importante e indispensável: o prazer pela leitura.

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 236)

Antigamente as histórias orais não eram muito valorizadas, pois quem sabia escrever era tido como superior, ou seja, as histórias orais eram vistas como simplórias e por muito tempo a sociedade as menosprezou e rejeitou. No entanto, os contadores de histórias caíam no gosto popular. Para que a criança considere hoje as histórias infantis como algo importante é necessário que os professores e a família vistam a “camisa” do contador de histórias, pois:

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 237-238)

Contar histórias ou lê-las é uma ferramenta motivante e enriquecedora, ao ouvir ou ler histórias infantis a criança amplia seu conhecimento de mundo, é envolvida pela

narrativa se descobrindo e reinventando a cada história que lhe é apresentada. Para Bernardino e Souza (2011): “Aprender sobre povos e suas culturas, sobre História e Geografia, são possíveis na medida em que essas histórias acontecem em tempo e espaço diversificados, tornando-se um instrumental criativo de exploração a ser usado pelo educador.”

Pelo fato de ser a literatura infantil algo encantador e lúdico, quando utilizada a mesma torna a aquisição do conhecimento mais prazeroso, significativo e envolvente:

Outra fonte de aprendizagem pode ser apontada nos contos. Nos enredos de suas histórias, aparecem situações ligadas a valores universais como a liberdade, a verdade, a justiça, a amizade, a solidariedade, etc. Levando a criança a refletir sobre o convívio em sociedade. Além disso, ao também expressarem à inveja, a traição, a covardia, a desigualdade, entre outros, permitem a escola a análise crítica de componentes éticos, abrindo espaço para a discussão de valores morais. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 239)

Ao escutar ou ler uma história a criança se envolve afetivamente com a mesma pelo fato de estar em processo de formação da sua identidade e ao se deparar com os mais variados temas e diversos personagens cada um possuindo um caráter a mesma vai afirmando sua personalidade e é capaz de posicionar-se em relação aos valores morais e éticos trabalhados em determinada história.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. A repetição da história contada é sempre positiva, a criança sempre observa algo novo após a contação. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 240)

Sabemos que as nossas crianças, sejam de nossas famílias ou nossas alunas apresentam muitas vezes dificuldades para lhe dar com as suas emoções e sentimentos. Um olhar atento do professor ou contador de história pode identificar seus medos, suas tristezas e toda a confusão pessoal que elas podem estar enfrentando e então, por meio de uma história onde sabemos que sempre há o bem e o mal e a esperança de finais felizes podemos levar nossas crianças a solucionar ou melhorar de alguma forma os problemas pessoais para encontrar seu papel e função social.

Segundo Tahan (1966 apud BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 243): É isto que a história faz, ela apresenta mecanismos para enfrentar os problemas de uma maneira saudável e criativa, levando a criança ao um mundo maravilhoso onde os processos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são repletas de significados, a criança sente isso, ela entra no mundo da história, um mundo de esperança, opções e

possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilidades e soluções criativas para a superação dos problemas e como lidar com as emoções, “a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história”.

A criança se desenvolve a partir de suas vivências e experiências por meio das interações com os adultos e outras crianças. As histórias infantis são grandes aliadas do desenvolvimento humano, por isso devemos sempre apresentar diversas histórias às nossas crianças para que as mesmas entrem em contato com o mundo da leitura e escrita conhecendo a função social e a importância que elas têm no processo de ensino-aprendizagem afim de que conheçam e leiam o mundo, despertando o interesse pelos valores como o amor, a família, o trabalho, o respeito, a amizade e saibam viver e conviver no mundo.

Rodrigues e Tavares (2009): fizeram uma pesquisa na qual utilizaram 119 livros infantis nacionais para saber qual impacto e quais os benefícios sociocognitivos que os mesmos trariam para crianças de pré-escola. Ao final da pesquisa chegaram aos seguintes resultados:

(...) o livro infantil constitui uma ferramenta valiosa que pode ser utilizada para promover o desenvolvimento sociocognitivo. Evidenciou-se que as narrativas estão repletas de termos mentais (sobretudo termos cognitivos e emocionais), como também apresentam um repertório expressivo de pistas externas e internas e outros componentes sociocognitivos que podem ser explorados pelo professor em sala de aula. Os subsídios empíricos aqui reportados reforçam a crença de que é possível redimensionar a atividade de contar histórias e, por meio desta atividade cotidiana, favorecer a linguagem mental e a compreensão infantil a respeito de si e do mundo social. Nesse sentido, a intencionalidade educativa assume papel de relevância na direção de ampliar, do ponto qualitativo (compreensão), a gama de termos mentais bem como aprimorar o processamento de informação social a partir de um trabalho docente que envolva, de forma mais sistemática, análise prévia e mediação dialogada da narrativa junto às crianças. (RODRIGUES; TAVARES, 2009, p. 330)

As histórias infantis, inclusive, os contos de fadas exercem uma função social juntamente com a escola, a de formar cidadãos aptos para o convívio em sociedade. De acordo com Farias e Rubio (2012): “Essa formação, que utilizava tais textos aconselhava em suas páginas principalmente o patriotismo, o amor e respeito à família e aos mais velhos, a dedicação aos mestres e à escola, a piedade pelos pobres e fracos.”

A literatura infantil é capaz de trazer à tona a sensibilidade da criança, torna-la uma pessoa crítica, reflexiva, livre para agir no mundo de acordo com o que acredita estar

correto. Também é capaz de alfabetizar intelectualmente, eticamente e moralmente, pois os contos de fadas possibilitam tudo isso.

A essência do conto de fadas é o de abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre “bem e mal”, “certo e errado”. Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc. A formação moral da criança ocorre quando esta faz uso da reflexão sobre os contos de fadas, distinguindo as atitudes das personagens e construindo as suas próprias, alicerçando sua formação moral. (FARIAS; RUBIO, 2012)

Complementando a citação acima, temos que, de acordo com: Souza et al. (2008, p. 265, grifo do autor) as crianças não nascem capazes de atribuir juízos, ou seja, elas aprendem a fazê-los ao desenvolver-se. Quando ouvem uma história adquirem para suas vidas as ações dos personagens, ou em alguns casos, somente reafirmam sua própria personalidade ao identificar-se com os mesmos. São os adultos que ensinam a elas o que é certo e o que é errado, ou seja, com o passar do tempo é que as mesmas vão ter liberdade para criar suas próprias regras.

Sendo assim, penso eu, que o contato com um vasto leque de histórias infantis auxilia a desenvolver-se socialmente, pois mergulharão em um universo, onde animais, seres fantásticos, princesas, monstros bruxas mostrarão como se dá a vida em sociedade, que não existe somente o bem, mas também o mal, que não existe somente o amor, mas também o ódio, que não existe somente a alegria, mas também a tristeza, preparando-as para as coisas inesperadas que a vida pode lhes apresentar, além de externar suas emoções.

Para Souza et al. (2008), p. 267, grifo do autor) “Os contos de fadas fazem parte do cenário psicológico de diferentes maneiras, em especial como possíveis ‘representantes’ do mundo interno das crianças, apresentando-lhes aspectos conhecidos e também assustadores do desenvolvimento.”

Sabemos que as histórias infantis contribuem para o crescimento pessoal e social da criança, por isso, os professores devem sempre proporcionar às mesmas, momentos de contação de histórias infantis, a fim de desenvolver as crianças nestes aspectos e em outros como o intelectual e o afetivo, pois:

Pode-se perceber que a contação de histórias é instrumento de grande valia no processo de socialização, interferindo principalmente nos seguintes aspectos: individualismo, segregação, respeito às diferenças, solidariedade e consideração pelo outro. (SANTOS, 2011, p. 6)

Contar histórias além de ser prazeroso, tanto para quem conta quanto para quem ouve, facilita o desenvolvimento da criança e seu processo de ensino-aprendizagem, desde que o professor as utilize para levar seu aluno a refletir, pensar sobre as temáticas presentes nas histórias e o ajudando ao convívio social. Abaixo, reforça Santos:

Aspectos como individualismo, segregação, desrespeito às diferenças e falta de solidariedade são atitudes presentes em diferentes grupos sociais. Na escola, esses comportamentos precisam ser discutidos, analisados, a fim de que se possa ter um convívio mais harmonioso entre colegas e também como forma de ajuda-los a aprimorar sua capacidade de relação interpessoal. Para isto, a contação de histórias, pode revelar-se uma estratégia de sucesso, pois, ao reunir, ficção e realidade, abre espaço para o imaginário e, ao mesmo tempo, permite repensar o real. Dessa relação, mediada pela leitura, pelo diálogo, pela reflexão, o aluno reelabora suas certezas e, muitas vezes, modifica seu comportamento. (SANTOS, 2011, p. 29)

Para Vygotsky (1989 apud, SANTOS, 2011, p. 30): é pela interiorização de sistemas de signos, produzidos culturalmente, que se dá o desenvolvimento cognitivo. A contação de histórias proporciona a criança um entendimento do mundo, favorecendo seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

As histórias infantis carregam consigo variados temas como: família, amizade, tolerância, relacionamentos, emoções, inteligência, respeito, ética, convivência, companheirismo, diferenças, colaboração, pluralidade, curiosidade, cultura que por sua vez, favorecem o desenvolvimento da criança. Estes temas se relacionam com os três aspectos: afetivo, cognitivo e social. O afetivo: faz com que as mesmas tenham respeito pelo colega, se relacionem com mais colaboração e companheirismo e saibam lhe dar melhor com as emoções. O cognitivo: aprendem sobre cultura, se tornam mais inteligentes, aguçam a curiosidade. O social: aprendem a conviver com a pluralidade, as diferenças de forma ética e tolerante em seus relacionamentos pessoais, o que refletirá mais tarde, um cidadão apto para o convívio social.

Enfim, temos que quebrar o paradigma de que contar histórias serve somente para entreter crianças, ou que é uma atividade desprovida de importância ou significado, pois, aprendemos, com base em diversos autores, a grande contribuição que o ato de ler ou contar histórias para as nossas crianças tem para o seu desenvolvimento!

De posse disto, não nos acomodemos, porém, envolvamos cada vez mais nossas crianças com esta prática, seja no ambiente escolar ou familiar.

4- CRIAÇÃO E REFLEXÕES DE HISTÓRIAS INFANTIS DE MINHA AUTORIA

Este capítulo é composto por seis histórias infantis de minha autoria. Trata-se de uma realização pessoal. Para cada uma das histórias produzi uma reflexão que considero um complemento das mesmas, pois acredito que toda história infantil carrega em si um leque de aprendizagens que não devem ser ignoradas, ou seja, quando lemos para uma criança devemos leva-la a extrair lições e conhecimentos implícitos nas histórias e não somente ler a história sem qualquer intencionalidade (ler por ler).

A primeira história, intitulada “A borboleta preta”, traz uma reflexão sobre racismo, a segunda “A rosa Marisa”, sobre cidadania, a terceira “Júlia, uma garota especial”, sobre inclusão, a quarta “O desejo do Edu” sobre realização de sonhos, a quinta “A boneca de Sofia” sobre o valor da amizade e a sexta e última história “A estrela que não brilhava”, sobre solidariedade. Espero que estas histórias contribuam para a formação e o desenvolvimento de crianças e até mesmo de adultos que em algum momento cheguem a conhecê-las.

4.1 A BORBOLETA PRETA

Havia em um bosque muitos animais, e entre eles voava para cá e para lá a borboleta preta. Ela era muito feliz, pois era livre, tinha a companhia das flores e também de outras borboletas de todas as cores. Mas, certo dia algo inesperado aconteceu: um caçador de borboletas apanhou a borboleta preta, levou-a para a casa dele e prendeu-a dentro de um vidro com um furo na tampa bem pequenininho, que só passava o ar, mas não dava para a borboleta preta sair.

Passaram-se alguns dias e a borboleta preta lá dentro do vidro muito triste, sentia muita saudade do bosque onde ela vivia. Então, um dia, ela teve uma grande ideia para escapar, resolveu fingir-se de morta, prendeu a respiração por algum tempo. O caçador ficou olhando e viu que ela não se mexia, pensou então que ela estava morta, abriu o vidro e jogou-a fora, entrou para casa e fechou a porta. A borboleta preta então voou, voou e voou alegre e rapidamente até o bosque e voltou a ser feliz, contou para suas amigas borboletas como tinha escapado e elas fizeram uma grande festa para comemorar o retorno da linda borboleta preta ao seu lar.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão:**

Esta pequena história nos leva a refletir sobre a importância da liberdade. Apesar da lei áurea ter sido assinada em nosso país em 13 de maio de 1888, muitas pessoas, principalmente os negros ainda vivem sob regime de escravidão, exploração e discriminação. Muitos também têm sido expulsos de seus países pelas guerras, fomes e como esta borboleta são privados de sua liberdade e enfrentam muitas dificuldades para viver.

Acredito que tudo o que eles mais querem é ser felizes, ter sua cultura respeitada e não ser vistos como inferiores por causa da cor de sua pele ou do seu tipo de cabelo. Precisamos desconstruir o preconceito racial, pois ele só produz indiferença, desrespeito e afasta pessoas que podem muito bem conviver umas com as outras como a borboleta preta, que com certeza convivia com suas amigas borboletas azuis, brancas, amarelas, vermelhas e etc.

Precisamos entender que não existe uma raça superior a outra, se não voltarmos no tempo, como muitas pessoas que vivem hoje (empregadores ou senhores da escravidão moderna) e trataremos o negro como se ele houvesse nascido para nos servir.

Temos exemplos na história mundial do quanto o preconceito de raças é terrível. Hitler cometeu atrocidades com os judeus. O Apartheid na África, entre outras coisas, não permitia entre outras coisas que negros usassem o mesmo banheiro que brancos. Isso é um absurdo que não podemos aceitar repetisse em nossos dias!

Infelizmente, até mesmo alguns livros didáticos reforçam o preconceito, por exemplo, se colocam a figura de um médico ele geralmente é branco, como se um negro não tivesse a capacidade de exercer tal função. Se colocam um gari, aí sim colocam um negro, pois acreditam ser uma função inferior e que se adequa melhor ao negro. Isto não deve ser assim!

Temos que começar desconstruindo o preconceito desde a infância, pois nossas crianças são capazes de aprender muitas coisas, inclusive a aceitar o outro do jeito como ele é.

Autora: Jaqueline Lira

4.2. A ROSA MARISA

Em um jardim onde havia flores de todas as espécies, cores e tamanhos, vivia uma rosa vermelha muito inteligente e articulada. O nome dela era Marisa.

Certo dia, Marisa resolveu fazer uma reunião com as outras flores também, para chegarem até seu Adílio, que era o dono do jardim para que ele contratasse outro jardineiro para cuidar delas, pois o atual jardineiro não tinha muito amor, carinho, paciência e nem jeito para cuidar dela e de suas amigas.

Seu Adílio achou que fosse mimo de Marisa e das outras flores e deixou com que o jardineiro desajeitado continuasse cuidando das mesmas. Porém, em um belo dia seu Adílio surpreendeu o jardineiro maltratando as flores e então, não pensou duas vezes, despediu o mau jardineiro e pediu desculpas para Marisa e para as outras flores. Também contratou um novo jardineiro que era muito delicado, amoroso e amigo das flores.

As flores e a rosa Marisa ficaram muito belas e felizes exalando seu perfume no jardim de seu Adílio.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão**

Esta história é um convite que nos leva a pensar nos nossos direitos como cidadãos. Ela nos mostra o quanto devemos engajarmos em questões sociais para possuímos um senso crítico do mundo que nos cerca a fim de conseguirmos melhorias para nós e para os nossos iguais. Se a rosa Maria não tomasse a iniciativa de lutar pelo seu direito e o das outras flores e ficasse acomodada com certeza a situação em que as mesmas se encontravam continuaria da mesma maneira ou até pior. Atualmente devemos cada vez mais buscar aliados que nos representem e façam valer as leis que beneficiem a todos colocando-os num patamar de igualdade perante a educação, a política, a justiça.

Por meio de lutas, manifestações, representatividade é possível transformar o mundo em que vivemos em um espaço onde todos sejam respeitados e contemplados pelas leis constituintes diminuindo as mazelas sociais, a exclusão, o preconceito, a corrupção de modo a implantarmos uma sociedade mais justa.

Precisamos eliminar o câncer da desigualdade, para que todos participem ativamente da vida política não somente para exigir seus direitos, mas também cumprir com seus deveres, para sermos cidadãos conscientes de que um mundo melhor é possível se todos fizerem a sua parte.

O poder do voto, por exemplo, é o que definirá os prejuízos ou os benefícios que a sociedade como um todo terá. Para tanto devemos fazer a escolha certa, buscando saber qual o melhor candidato que por ventura não beneficie somente a mim, mas por meio de

uma atitude altruísta temos que considerar o todo como a rosa da história que não lutou por si só, porém por toda uma comunidade de flores que estavam sendo prejudicadas.

Autora: Jaqueline Lira

4.3. JÚLIA, UMA GAROTA ESPECIAL

Júlia tem seis anos, não ouve e oraliza pouco, por causa de uma doença chamada rubéola que Ana, a mãe dela, contraiu na gravidez. Apesar de sua deficiência, Júlia é muito feliz e guerreira. Vive cercada de amor por todos da família. Ana e Naldo, seus pais, assim que souberam que Júlia era surda interessaram-se em aprender LIBRAS e também ensinar a ela.

Quando Júlia foi para a escola, a professora dela chamada Elizabete e os seus coleguinhas não conseguiam se comunicar muito bem com ela, porém Elizabete tomou uma atitude rara: resolveu estudar LIBRAS e também ensinar alguns sinais para os coleguinhas a fim de que Júlia não se sentisse excluída, além disto a professora passou a realizar em sala muitos jogos e brincadeiras que continham palavras acompanhadas de desenhos.

Os pais de Júlia ficaram muito felizes em saber que sua filha era abraçada pela professora e pelos colegas, porque antes ela enfrentou muitas dificuldades para frequentar uma escola, pois ninguém interessava-se em ajudá-la.

Júlia está crescendo a cada dia e espera encontrar mais pessoas que tenham a mesma disposição de Elizabete e de seus coleguinhas que façam valer os seus direitos.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão**

As pessoas que possuem alguma necessidade especial, mesmo que tenham seus direitos garantidos por lei, na maioria das vezes são excluídas e marginalizadas por grande parte da sociedade e o mais lamentável, em alguns casos, são rejeitadas por membros de sua própria família.

Se defendemos que todo ser humano tem direito a cuidados, respeito, cidadania, lazer, educação..., logo, não podemos deixar com que cegos, surdos, autistas, cadeirantes ... tenham uma vida sem qualidade.

É necessário que toda sociedade tenha um olhar abrangente e agregante para não dificultar mais ainda a vida das pessoas com necessidades especiais, pois as mesmas são dotadas de capacidade, apesar de suas limitações.

São capazes de aprender e ensinar, e por isso é muito valiosa e de suma importância uma atitude como a da professora da história que ao invés de excluir a aluna ou deixá-la de parte resolveu incluí-la e permitiu a socialização da mesma, o que contribuiu para o seu desenvolvimento educacional e pessoal, além de proporcionar-lhe alegria e realização.

É de suma importância a conscientização social, pois uma sociedade verdadeiramente compromissada com a inclusão dos surdos devem sempre respeitar a língua de sinais e oferecer qualidade de vida aos mesmos.

Autora: Jaqueline Lira

4.4. O DESEJO DO EDU

Edu um garotinho de cinco anos, apesar de morar com seus pais, sente-se muito triste e solitário. Ele gosta muito de animais, porém sua mãe não gosta. Apesar de ter o apoio de seu pai Guilherme, Dona Marcela não cede não.

Edu tem esperança de que um dia sua mãe mude de opinião, pois ele sempre pede à ela um animalzinho. Cada vez que ele vê alguma criança, ou até mesmo um adulto com algum animalzinho de estimação sente-se muito triste por não ter um. Ele insiste dizendo à sua mãe que a maioria de seus colegas de escola têm um bichinho. Porém Dona Marcela permanece com a mesma opinião e ainda diz: animal dá trabalho, meu filho, você vai ter que dar banho, alimentar, limpar a sujeira e Edu continua triste, mas não pede a esperança de alcançar seu desejo.

Aconteceu esses dias algo surpreendente: Dona Marcela adoeceu e foi internada em um hospital. Neste hospital uma equipe de pessoas leva seus animais para levar alegria aos pacientes. Depois de ser visitada por um lindo vira-lata, Dona Marcela finalmente mudou de opinião. Recebeu alta e disse ao seu filho: __ Edu, você pode ter o animalzinho que quiser e eu te ajudarei a cuidar dele.

Edu ficou muito feliz e adotou um cachorrinho vira-lata que andava abandonado pelas ruas de seu bairro. Hoje Edu sente-se realizado ao lado de seu cãozinho.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão**

Este garotinho fictício chamado Edu representa uma considerável parcela da população mundial que tem um amor muito forte pelos animais e /ou o desejo de conquistar algo, em que o caminho para se conseguir está cercado por obstáculos e muitas dificuldades, porém sabemos que para alcançarmos nossos desejos, metas, objetivos ou sonhos precisamos insistir até atingirmos o desejável, principalmente se o que queremos vai nos trazer alegria, autoestima e realização.

Tudo o que temos que fazer é lutar com todas as nossas forças, perseverar até alcançar o alvo e acreditar que chegaremos lá, ou seja, não desanimarmos.

Mesmo que tudo pareça dizer não, ainda que soframos pressões adversas temos que insistir em lutar, suportando tudo o que se opor, nos disciplinando a cada passo rumo ao nosso desejo, pois quando realizamos o sonho tão esperado, nos tornamos vitoriosos e olhamos com apreço todo o trajeto percorrido e com certeza diremos que: Valeu a pena! Eu faria tudo de novo!

No caso do Edu, tudo o que ele queria era ter um animalzinho de estimação, e enquanto ele não realizou o seu desejo vivia triste e frustrado. Esta estória também nos dá uma sacudida para que nós como humanos torçamos e queiramos ver o sucesso uns dos outros, para que todas as pessoas no mundo se sintam importantes e especiais, seja qual for, o sonho que elas queiram realizar. Às vezes, somos egoístas e só pensamos em nós mesmos, no entanto, se queremos mudar o mundo precisamos começar a olhar a todos com igualdade, amor e compreensão, pois todo ser humano precisa ser valorizado.

Autora: Jaqueline Lira

4.5 A BONECA DE SOFIA

Sofia era uma menina muito estudiosa, obediente e trazia muita alegria para o coração de sua avó Solange, que a criara com muito amor, carinho e dedicação. Certo dia, Solange, que era costureira resolveu dar a sua netinha um presente. Então, fez para a Sofia uma linda boneca de pano. Sofia ficou muito feliz e foi brincar na casa de sua amiga Júlia.

As duas meninas passaram um bom tempo brincando felizes, mas de repente aconteceu um desentendimento, as duas brigaram e Júlia com raiva rasgou a linda boneca de Sofia, que saiu correndo para casa, chorando muito, pois sua boneca estava destruída. Então, Júlia se arrependeu do que havia feito e foi pedir desculpas para Sofia, que a

desculpou e ainda pediu para que a vovó Solange fizesse duas bonecas, uma para ela e outra para a sua amiga.

Vovó Solange com todo carinho atendeu ao pedido de sua neta e a amizade entre as duas meninas passou a ser muito mais forte.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão**

O que é a verdadeira amizade senão um encontro de almas. Almas que se amam, que se unem, que se ajudam, que se entendem, que se importam além de se doarem uma a outra não somente nos momentos bons, mas, nos difíceis também.

Uma amizade verdadeira é composta por lealdade, compromisso, sacrifício, responsabilidade, afeto e cuidados, pois, quem nunca foi consolado ou não consolou um amigo.

No entanto, apesar da amizade ser tudo isso que já foi dito, quem nunca se desentendeu com um amigo e se afastou um pouco do mesmo. Porém o mais importante de tudo isto é o perdão, a reconciliação e restauração da amizade, pois por causa do forte laço entre os amigos, ela jamais será destruída e sempre triunfará sobre qualquer obstáculo que aparecer, pois a verdadeira amizade nunca acabará.

O verdadeiro amigo não é aquele que apenas elogia, concorda com tudo e etc., mas aquele que repreende, abre os olhos e discorda do outro, não para humilhar ou entristecer, mas porque se importa e quer o bem, ou seja, o melhor para o seu amigo.

A amizade é uma dádiva que a vida nos outorga e nos torna mais felizes, confiantes, saudáveis além de nos completar, o que resulta no nosso crescimento pessoal nos tornando mais humanos.

Autora: Jaqueline Lira

4.6. A ESTRELA QUE NÃO BRILHAVA

Entre uma constelação nasceu Ana, uma estrela diferente, uma estrela sem brilho. Ela vivia triste pelos cantos do céu, pois, quando chegava a noite, todas as estrelas escolhiam um lugar no céu para brilhar. Porém a estrela Ana não participava da iluminação do céu. Ela ficava em um cantinho escondida porque tinha vergonha de não ser como as outras estrelas.

Ana também não tinha nem uma amiga para doar a ela um pouco de brilho e como vivia apagada, às vezes sentia-se inútil e queria sumir para sempre. Mas, em um belo dia uma coisa maravilhosa aconteceu! Logo ao amanhecer quando todas as estrelas se recolheram, Ana esqueceu-se de também se recolher. Foi aí que ela viu o sol. Chegou até ele e perguntou se poderia doar a ela um pouco de brilho, pois ela tinha nascido sem. O sol doou e Ana passou a ser a estrela mais brilhante do céu inteiro. O sol também disse a Ana, que sempre que aparecesse outras estrelas sem brilho era para ela doar um pouco do dela.

Ana ficou muito feliz e agradecida e prometeu ao sol fazer conforme ele lhe pediu. Na noite seguinte todas as estrelas viram Ana radiante e iluminada e ela lhes contou como o sol lhe ajudou e ensinou que quanto mais se doa brilho mais brilho se tem, porque o amor faz o brilho aumentar. As estrelas então ficaram envergonhadas e pediram desculpas à Ana por elas não terem lhe ajudado. Também fizeram um pacto: sempre que aparecer uma estrela sem brilho todas doarão um pouquinho, para que não haja no céu nem uma estrela triste.

O céu agora é mais reluzente, ganhou um brilho diferente, principalmente porque as estrelas aprenderam a amar.

Autora: Jaqueline Lira

***Reflexão**

Quantas pessoas no mundo inteiro necessitando de todos os tipos de ajuda e nós muitas vezes nos colocamos como as estrelas que não se preocuparam em auxiliar sua amiga que não tinha brilho.

Quantas pessoas se sentindo sozinhas e com vontade de sumir por causa dos problemas que enfrentam, entrando até mesmo em depressão por se sentirem inúteis e sem forças para resolver suas frustrações.

Quão bom seria que seguissemos o exemplo do sol, que mesmo sendo o astro-rei e o mais brilhante não se entregou ao egoísmo, porém repartiu o seu brilho com a estrela tristonha que não possuía brilho próprio, e, dessa forma mudou a história de vida daquela estrela.

Se quisermos, podemos também ajudar alguém, independente de quem seja, a encontrar um sentido na vida e motivos para não desistir, porque apesar da vida de

algumas pessoas ser cheia de problemas e dificuldades, ao estender-se uma mão amiga, muita coisa ou tudo pode mudar!

Autora: Jaqueline Lira

5- UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

Era uma vez uma menina que teve uma infância muito feliz, cercada pelo amor da família, pela companhia dos livros e dos brinquedos.

Ela era e ainda é cheia de sonhos, apesar de ter enfrentado muitos momentos dolorosos em sua juventude. Caiu em depressão por quatro vezes, mas com a ajuda de Deus e dos medicamentos triunfou. Juntou os pedaços e se ergueu para uma vida de vitórias.

Sempre quis ser professora, também gosta muito de cantar louvores a Deus, já tem mais de cinquenta composições e quer muito gravar um CD.

No decurso da faculdade passou por muitos problemas que a fizeram reprovar um semestre e trancar dois. Por algum tempo pensou que não conseguiria concluir, mas uma amiga, a melhor de todas (minha mãe) sempre me encorajou para que eu não desistisse.

Ela almeja publicar e vender suas histórias infantis, seus CDS e ser uma pedagoga que honre a sua profissão, que tenha um coração amoroso, paciente e sensível, para além de professora ser amiga dos seus alunos.

Ela acredita que em todas as suas criações foi divinamente inspirada por Deus.

Ela chora por qualquer coisa, é muito honesta e caridosa. Conseguiu conquistar muitos amigos no percurso da vida. Não gosta de ficar de mal com ninguém.

Se esforça para ser a melhor aluna e ter os melhores conceitos! É ninguém é perfeito!

O significado bíblico do seu nome é: Deus é gracioso, cheio de bênçãos.

E a graça deste Deus abençoador é o que faz ela superar tudo.

Este é um pequeno resumo de uma história de trinta e um anos de vida que ainda está sendo escrita por um Deus Maravilhoso e que dará a continuidade...

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as histórias infantis possuem um papel fundamental e indispensável no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança pois auxilia a mesma a lidar melhor com seus sentimentos, emoções, adversidades, e problemas internos que muitas vezes passa despercebido pelos educadores e familiares e estas histórias geralmente trazem um final feliz, ou seja, fornecem esperança.

E somado a isso, no momento em que ela ouve ou lê a história entra em um mundo imaginário, onde pode se identificar com o personagem, fazer grandes e importantes descobertas, além de formar sua própria identidade, ou seja, descobre que tem um valor e um papel social e que está no mundo e que apesar de pequena, pode sim contribuir muito para melhorar o mundo e a sociedade da qual é participante.

As histórias infantis são muito importantes para qualquer criança, pois elas tornam o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso. Lendo e/ou escutando histórias, elas aprendem a ler e escrever com mais facilidade e sucesso, desde que se ofereça esse mundo dos contos infantis a partir da mais tenra idade, até mesmo quando ainda estão dentro da barriga da mãe. Elas se enriquecem emocionalmente, intelectualmente, pessoalmente e socialmente.

Além do mais, sabemos que o processo de formar leitores somente acaba quando se finda a vida, porém, para que a criança não leia por obrigação, mas por prazer é necessário oferecer à mesma histórias que agucem a curiosidade dela. Conseqüentemente ela desejará cada vez mais ler, ouvir e contar histórias e olhará para os livros como amigos e não mais de forma negativa, e ainda, agregará a sua vida experiências positivas que a farão mais preparada para mergulhar no mundo dos conhecimentos com os quais se deparará ao longo de sua existência.

Precisamos preparar nossas crianças para respeitar a si mesmas, ao outro e a sociedade como um todo. Por isso, devemos ter cuidado no momento de escolher as leituras e nos prepararmos antes de ler para elas para não o fazermos de qualquer maneira. Deve haver objetivos a serem alcançados e primordialmente uma intencionalidade, ou seja, não podemos ler por ler, mas, nos dedicarmos para oferecer as mesmas, obras que desconstruam preconceitos, falem de inclusão, cooperação, amizade e que lhes encha de perspectivas positivas em relação à vida.

É bem verdade que no percurso educacional e da vida em si as crianças deparar-se-ão com muitas barreiras, momentos difíceis, pois isso é inerente a existência humana. Porém, eu acredito que se nós como educadores nos comprometermos a oferecer a elas momentos prazerosos de encanto, magia, criatividade e mergulho nos livros que tratem de diversas temáticas, as mesmas estarão bem mais preparadas, formadas e desenvolvidas nas esferas afetiva, cognitiva e social.

Chegamos a principal conclusão de que contar histórias para crianças não é despautério nem perda de tempo como muitas pessoas costumam pensar, a vida sem histórias é triste, vazia, sem criatividade, sem fantasia, sem magia, sem sonhos e a falta desses elementos é muito prejudicial a qualquer criança, além de afetar negativamente o seu desenvolvimento e formação.

Em suma, como já falado neste artigo, a literatura infantil não pode ficar relegada a segundo plano, visto que a mesma contribui de forma importantíssima para a formação educacional, identitária e emancipatória da criança, pois a mesma ao participar de momentos de contação ou leituras de histórias infantis poderá dar seu próprio significado às histórias, desenvolver capacidade de interpretação, e mais, aprenderá a ler não somente os textos, porém consequentemente lerá o mundo.

Esperamos que este trabalho venha servir de inspiração para outros que venham a debruçar-se sobre o mesmo, pois as histórias infantis acompanhadas de intencionalidade são importantíssimas para os processos educacionais nos quais são utilizadas.

REFERENCIAS

ASPECTOS DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL, HOJE. Belo Horizonte: ISBN, 2001.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil? São Paulo. Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).

FARIAS, Francly Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura infantil: A contribuição dos contos de fadas para o imaginário infantil. Saberes da Educação, Volume 3, nº 1, 2012.

FERREIRA, C. Fernanda; PRETTO, Valdir. A importância da utilização da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Encontrado em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01396701/document>, Acesso em:18/01/2019.

MAINARDES, Rita de Cássia Miléo. A arte de contar histórias. In: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/poratls/pde/arquivos/338-4.pdf>

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem montes, UFRRJ, 2009, p. 10)

PINTO, F. E. M. Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano Dissertação (Mestrado em Educação) FE/Unicamp, Campinas, 2004.

HUNT, P. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosacnaif, 2010.

Pra que serve a Literatura? – 2. ed. – São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2013.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; TAVARES, Aline Lima. Desenvolvimento sociocognitivo e histórias infantis: subsídios para a prática docente. UFJF. Juiz de Fora, Brasil, 2009.

SANTOS, Rosana Maria dos. A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil. UFRGS, 2011.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho et al. Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana. Psico-USF, 2008.

SCHARF, Rosetenair Feijó. A escola e a leitura: prática pedagógica da leitura e da produção textual. Tubarão (SC): 2000, dissertação de mestrado.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola, 2006.